

## **TRABALHO, OPRESSÃO E LÍNGUA NO CONTO “A ENXADA”, DE BERNARDO ÉLIS**

Fabianna Simão Bellizzi CARNEIRO  
Universidade Federal de Goiás  
[fabiana\\_bellizzi@yahoo.com.br](mailto:fabiana_bellizzi@yahoo.com.br)

### **RESUMO:**

Este trabalho objetiva uma análise do conto “A enxada” (1966), do escritor goiano Bernardo Élis, sob uma perspectiva inserida em contexto de opressão e violência que durante muitos anos marcou as relações de trabalho no campo. Tal fato fica ainda mais evidenciado, no Brasil, no início do século passado quando se intensifica a produção agrícola em larga escala de forma a atender demandas do capital. Élis contribuiu para ressaltar a literatura goiana, limitadamente inserida em categorias como regionalista, rural ou sertaneja. Neste conto, o autor expõe problemas que atingem o homem do campo, mas que se encaixam em várias outras situações de opressão contra grupos minoritários – grupos que muitas vezes expõem a vulnerabilidade de um sistema que pretende alcançar a máxima obediência por parte de pessoas que o compõem. Com uma escrita contundente e reveladora das mazelas e asperezas vividas pelo homem do campo, este conto nos possibilita outros cruzamentos e análises que englobam não só a opressão do trabalho conforme citada, bem como questões envolvendo linguagem, religião, sociedade e discriminação. Notaremos, ao longo do texto, as possíveis interseções entre a Análise do Discurso, A Literatura e as Ciências Sociais – áreas que se aproximam no momento em que ressaltam as relações entre o homem e a língua e suas atuações em nossa contemporaneidade. Trata-se de um trabalho analítico e não conclusivo, portanto a metodologia se sustenta em pesquisa bibliográfica e tem como suporte teórico textos de Ismael de Lima Coutinho, Tomaz Tadeu da Silva, Sergio Buarque de Holanda, Antonio Candido e outros que serão referenciados ao longo do texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** violência; opressão; campo; linguagem; cultura.

## 1) Introdução

Georges Balandier na obra **Antropo-lógicas** (1976) assim observa os sistemas que regem as sociedades: “Todas as sociedades (...) existem e funcionam sob o regime da lei da incerteza. É essa vulnerabilidade que permite o desencadeamento das forças de questionamento e de mudança.” (BALANDIER, 1976, p.230).

Balandier faz um estudo voltado para as dinâmicas que regem e sustentam os mecanismos de poder, sejam estes sistemas familiares, ideológicos, econômicos, enfim. Há, de acordo com os estudos do autor, lógicas de reprodução e sustentação inerentes aos vários sistemas presentes em nossa sociedade. São lógicas que não permitem erros, ou seja, não permitem que algum membro ou alguma situação desestabilize o poder dominante. Porém, existe e existirá sempre a incerteza e a vulnerabilidade. Felizmente. É esta vulnerabilidade que nos desacomoda e nos faz pensar que podemos fazer outra história, afinal temos nossas diferenças e diferentes posicionamentos em um mundo tão prenhe de acontecimentos e histórias das mais variadas e enriquecedoras. É sob este viés que teceremos nossas análises sobre o conto “A enxada”.

Supriano, personagem principal, era a própria vulnerabilidade dentro de um sistema que exigia o máximo de trabalho e nada de questionamentos. Supriano não contestava, não levantava bandeiras, não ameaçava diretamente o sistema através de passeatas ou movimentos afins. Seu suplício era por causa de uma enxada emprestada, que seria paga ao fim do trabalho: “A gente não quer de graça. É só colher a roça, a gente paga.” (DENÓFRIO, 1992, p.90). Este era o incômodo que Supriano trazia aos olhos do poder: ele apenas pedia algo em troca de pagamento, mas para os detentores da ordem nada deveria ser questionado, nem mesmo uma enxada que seria alugada.

A partir deste ponto, veremos que Supriano questionava (ainda que indiretamente) não só o poder econômico, bem como o sistema social e linguístico, por isso que se faz necessária uma análise que envolva estas duas áreas em especial. De forma a garantir um maior embasamento à análise de um conto muito rico e que renderia trabalhos outros, teceremos algumas considerações a respeito do contexto histórico daquele momento específico bem como do autor, Bernardo Élis.

Élis contribuiu para ressaltar a literatura goiana, limitadamente inserida em categorias como regionalista, rural ou sertaneja. O autor expõe problemas que atingem o homem do campo, mas que se encaixam em várias outras situações de opressão contra grupos minoritários – grupos que muitas vezes expõem outras ordens e variações de um sistema que

deseja alcançar a certeza, o que é impossível. Supriano nos mostra isso. E a partir daí serão feitas as análises e considerações a respeito do conto.

## 2) Opressão social e língua

Antonio Cândido em **Literatura e sociedade** (2000) observa que as áreas sociais, em alguns momentos e de forma incompleta, têm feito suas análises sobre a arte porém sem que haja um certo método. De acordo com o autor, “(...) sociólogos, psicólogos e outros manifestam às vezes intuítos imperialistas.” (CANDIDO, 2000, p.17) Intuítos estes que levaram pensadores a momentos em que “(...) julgaram poder explicar apenas com os recursos das suas disciplinas a totalidade do fenômeno artístico.” (CANDIDO, 2000, p.17), conforme continua analisando Candido.

O cuidado que se deve ter, de acordo com Antonio Candido, perpassa questões muito mais abrangentes que envolvem arte e sociedade, caso contrário cairíamos em “(...) reduções esquemáticas que se poderiam reduzir a fórmulas, como: "Dai-me o meio e a raça, eu vos darei a obra" (CANDIDO, 2000, p.17); ou: "Sendo o talento e o gênio formas especiais de desequilíbrio, a obra constitui essencialmente um sintoma, e assim por diante.” (CANDIDO, 2000, p.17) como ironicamente lembra o autor. Candido, inclusive, cita um interessante trecho que melhor exprime as relações entre o artista e a sociedade:

O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade. (CANDIDO *apud* SAINTE-BEUVE, 2000, p.18)

A partir daí ficamos mais confortáveis ao fazermos nossas análises do conto em questão. Devemos, primeiramente, levar em consideração que a sociologia e outras áreas podem fornecer interessantes e até importantes subsídios para melhor compreendermos o contexto no qual uma obra está inserida, porém não podem explicar o fenômeno literário, que parte do artista e não do sociólogo.

No caso deste trabalho considera-se um artista que coloca a literatura do centro-oeste em evidência nacional e internacional. Considerado como autor realista social e introdutor do Modernismo nesta região<sup>1</sup>, Élis ressalta os problemas vivenciados pelo homem do sertão através de uma escrita altamente crítica e social, cuja arte literária “(...) é uma criação da linguagem muito mais que uma expressão do mundo (o que também é de grande valor em sua

---

<sup>1</sup> Assim a Profa. M. Sc. Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi observa a importância de Élis no contexto nacional. Torchi é autora do artigo: “A costura da colcha: uma leitura de Bernardo Élis”, disponível em: [www.interletras.com.br](http://www.interletras.com.br) – v. 2. n. 4 – jan./jun. 2006. Último acesso: 07/10/2011.

literatura), pois Élis tem a característica peculiar de quem se aplica à ficção”, (TORCHI, 2006, p.3) de acordo com Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi.

Esta arte literária em evidência anterior à expressão do mundo é que vai ao encontro do que fora anteriormente citado por Candido. A genialidade de Élis se sustenta, em parte, pela sua *mônada individual e única*, ou seja, ele soube dar voz à personagens castigados e estigmatizados pelos sistemas de poder com tamanha propriedade literária que as interpretações sociológicas ou antropológicas forneceriam subsídios à arte mas não explicariam a arte. Isto nos leva a um outro ponto: “(...) qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?” (CANDIDO, 2000, p.18).

Autores com a força artística de Élis conseguem, magistralmente, colher matéria-prima do meio que os circunda e posteriormente elaboram obras que abalam o leitor. Élis abala estruturas no sentido em que sua escrita nos desacomoda, nos desestabiliza, nos faz pensar a respeito da condição subumana de tantos Suprianos que ainda sobrevivem nos sertões brasileiros. Mais ainda: nos leva a refletir sobre condições precárias (vivenciadas não só no sertão, mas em outros espaços sociais) pelas quais muitas pessoas passam diariamente em nosso país em nome dos avanços econômicos e do capital.

Alfredo Bosi em **O conto brasileiro contemporâneo** (1997) observa, em relação aos escritores brasileiros influenciados pela ciência evolucionista do século XIX, que: “(...) uma atitude objetiva que pretendia explicar o rústico e o arcaico em termos de atraso ou de decadência (...)” (BOSI, 1997, p.11). Não é este o sertão expresso por Bernardo Élis, que expõe “(...) o fato nu da exploração do homem pelo homem no campo (...)” (1997, p.9) conforme cita ainda Alfredo Bosi em relação ao conto “A enxada.” Trata-se de um regionalismo que extrapola os limites geográficos e expõe, de forma cruel, os resquícios do trabalho escravo que ainda perduravam naquela sociedade orquestrados por uma minoria dominante: “Fome, incompreensão, cansaço, dores nas munhecas que o sedenho cortou fundo, ardume das lapadas de sabre no lombo, revolta inútil, temor de tantas ameaças e nenhum vislumbre de socorro – tramelaram a boca de Piano.” (DENÓFIO, 1992, p. 99)

Esta cultura dominante já se impõe, no Brasil, há muitos anos. Desde a era monárquica, quando estávamos subjugados aos mandamentos da Coroa Portuguesa, o Brasil vive um tipo de governo que exclui e alija muitos de condições dignas de viver e abarca uma pequena parcela da sociedade que pode manter um alto padrão de vida.

Aliás, é assim em vários países que vivem sob os preceitos do capital, porém no Brasil ainda temos o agravante de que o governo passou pelas mãos de poderosos agricultores e

produtores rurais, que ainda exercem poder e influência no campo: “(...) não foi a rigor uma civilização agrícola que os portugueses instauraram no Brasil, foi, sem dúvida, uma civilização de raízes rurais.” (HOLANDA, 1995, p.73). Holanda ainda cita que: “(...) o quadro formado pela monarquia ainda guarda seu prestígio, tendo perdido sua razão de ser, e trata de manter-se como pode, não sem grande artifício.” (HOLANDA, 1995, p.176).

Este prestígio fica evidente no conto “A enxada”. O conto traz a sofrida história de Supriano, um trabalhador rural explorado por um poderoso dono de terra, cuja figura se encaixa perfeitamente na seguinte colocação de Holanda: “Nos domínios rurais, a autoridade do proprietário de terras não sofria réplica. Tudo se fazia consoante a sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica.” (HOLANDA, 1995, p.80). Supriano passa a maior parte do conto em busca de uma enxada para poder entregar uma plantação de arroz ao Capitão Elpídio Chaveiro. O Capitão impõe uma data limite para entrega da plantação – o dia de Santa Luzia, mas não fornece o principal instrumento de trabalho a Supriano, que seria a enxada. Supriano pretende alugar uma enxada – indiretamente ele estaria pagando para trabalhar, mas ainda assim seu intento é em vão. Nem com a Igreja ele consegue ajuda. Por fim, Supriano utiliza suas próprias mãos como enxada para cavar a terra e plantar o arroz. Na sequência ele é morto pelos soldados do Capitão Elpídio.

A história de Supriano nos remete à história de muitos escravos alforriados no Brasil colonial, que não tinham paradeiro após libertados e continuavam sob domínio dos latifundiários. Supriano é utilizado no pagamento de uma dívida entre o delegado e o Capitão Elpídio e assim passa a ser propriedade do capitão, devendo a este submissão e eterno trabalho forçado – uma releitura da situação econômica e social dos escravos alforriados no Brasil.

O mais interessante no conto é que o autor lança mão de uma linguagem marcadamente rural e a partir dela revela aspectos sociais e culturais, costumes, superstições e religião de pessoas que vivem em sistema de exploração. A começar pelo próprio narrador. Temos a presença de um narrador que utiliza, por várias vezes, expressões retiradas do meio rural e também utilizadas por Supriano e outras pessoas ao seu redor. Isto aproxima e envolve ainda mais o leitor na história, uma vez que o narrador utiliza os mesmos códigos linguísticos da camada explorada no conto. Como exemplo, temos a passagem no qual o narrador diz: “E Piano sapecou o bicho, abriu, separou a barricada, tirou as peças de carne, (...)” (DENÓFRIO, 1992, p.90).

Sapecar o animal se dá quando se tostam suas carnes. Uma forma erudita diria que o animal fora abatido e suas carnes crestadas, porém estamos falando de um conto que tem

como principal eixo revelar a opressão pela qual passam trabalhadores rurais, e a língua pode ser indevidamente utilizada pelos detentores do poder para demarcar os espaços de oprimidos e opressores: “Assim como o Estado e o poder são apresentados como entidades superiores e “neutras”, também o código aceito “oficialmente” pelo poder é apontado como neutro e superior, e todos os cidadãos têm que produzi-lo e entendê-lo nas relações com o poder.” (GNERRE, 1991, p.9, grifos do autor)

Elis conseguiu dar voz a personagens que simbolizavam o sertão – não o sertão sob o ponto de vista estigmatizado ou, ao contrário, exaltado e exótico, e com ares de patriotismo revelando ao mundo aquilo que o Brasil tem de melhor, porém o interior do Brasil na dura realidade e aspereza de pessoas que se vêem oprimidas entre o progresso e as relações de trabalho no campo brasileiro – que sempre se mostraram confusas e desamparadas juridicamente. Cabe, aqui, uma pergunta: é possível restringir determinadas escritas (no caso deste trabalho, a escrita de Bernardo Élis) dentro de conceitos como regionalista ou rural? Defende-se que não.

Uma das teses encontra seus argumentos nas análises de linguistas que, ao perceberem a língua como ato social, passaram a direcionar seus estudos envolvendo manifestações linguísticas e manifestações socioculturais, ou seja, não se pode mais dissociar estes dois aspectos, uma vez que a língua se manifesta nas sociedades em que ela atua, sofrendo alterações e mudanças inerentes às sociedades. Louis-Jean Calvet em sua obra **Sociolinguística** (2002) estuda diversas *variáveis* (p. 90, grifo do autor) de um mesmo significado sem que necessariamente uma deva se interpor à outra, mas que todas sejam analisadas em seus diferentes contextos e acima de tudo respeitadas, afinal: “(...) *o objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico.*” (CALVET, 2002, p.121, grifos do autor)

Importante destacar que este conto nos permite assinalar o papel social desempenhado pela literatura. Em “A enxada” destaca-se um falar muito próprio de uma sociedade – uma sociedade rural e interiorana, cujo falar (que traz as marcações próprias daquela comunidade) é visto de forma estigmatizada e preconceituosa. Como nos faz lembrar Marcos Bagno em **Preconceito linguístico** (2004), rechaçar os falares de pessoas equivale a uma condenação: “(...) uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade (...)” (p. 16, 2004).

Portanto, usar o termo literatura regionalista sobrepõe uma diferença que demarca um tipo de literatura como menos importante ou menos prestigiosa. Afinal, o que não seria literatura regionalista? A literatura cidadina? A literatura metropolitana dos grandes centros urbanos? Élis apenas trouxe uma gama de variáveis e possibilidades outras de falares e dizeres que enriquecem o léxico da língua brasileira e sinalizam que certo e errado não existem nos estudos das línguas. Como bem observa Braz José Coelho na obra **Linguagem** (2006), temos que:

(...) os homens, dentro de uma realidade específica, possuem uma modalidade própria de linguagem para pensá-la e dizê-la, dizendo-se a si mesmos como componentes da realidade em questão. (...). Um exemplo disso pode ser a literatura dita regionalista. Ela somente se justifica e ganha significado à medida que a realidade de uma região – que é a realidade de um grupo social definida em contraposição à realidade de grupos de outras regiões – for expressa numa linguagem criada pela atividade histórico-cultural das pessoas que vivem e produzem o seu modo de viver em tal região e com os dados dela. (BRAZ, 2006, p.22-23)

Retomando o assunto do preconceito linguístico, percebe-se que ao contrário do que supõe o senso comum - que atribui verdades infundadas às variações linguísticas (consideradas como erros ou vícios de linguagem), as variações não ocorrem de forma aleatória. Há, no sistema linguístico daquela sociedade, uma determinada coerência que possibilita ao linguista compreender tais variações, como nos exemplos: “Piano roncou, guspiu de esguicho, (...)” (DENÓFRIO, 1992, p.91); “Seu Joaquim saiu assim de supetão, com coisa que estivesse avexado (...)” (DENÓFRIO, 1992, p.91); “Essa tenda é que desdeixava Seu Joaquim emprestar a enxada a Piano (...)” (DENÓFRIO, 1992, p. 91).

Notamos, na palavra guspiu, o processo fonológico sonorização, no qual o *c-* inicial é permutado pelo *g-*. O senso comum diria que a palavra fora pronunciada de forma errada, que o correto seria cuspiu. Mais ainda: falaria-se que “Pessoas sem instrução falam tudo errado” (BAGNO, 2004, p.40). De acordo com Ismael de Lima Coutinho em **Pontos de gramática histórica** (1976) estamos diante de um processo fonológico muito comum em alguns falares do Brasil, no qual:

A permuta do *c-* em *g-* parece ter-se dado em algumas palavras, no próprio latim vulgar (cf. lat. *colpu* > it. *golfo*, fr. e prov. *golfe*, esp. *golfo*, port. *golfo*). Em outras palavras, pode-se explicar a sonorização por fonética sintática, ou seja, por se ter tornado o *c-* intervocálico. Nos empréstimos tomados aos gregos, representava o latim o *k* por *g*: *gnummi* < gr. *kómmi*, *gobius* < gr. *kòbiós*, *gubernare* < gr. *kubernân*. (COUTINHO, 1976, p.112)

Da mesma forma, a palavra *desdeixava* também possui suas explicações e seu porque, afinal “(...) a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (...) e por fatores extralinguísticos de vários tipos (...)”

(CEZARIO e VOTRE, 2009, p.141). A partir do momento em que estipulamos uma norma para a língua, deixamos de lado esta multiplicidade citada por CEZARIO e VOTRE. Afinal, se as pessoas são diferentes, seus falares também são diferentes. Normatizar significa igualar, porém igualar de acordo com os interesses dos sistemas de poder.

Daí que *desdeixava* ou *avexar* não se enquadrariam na norma justamente por representarem o falar de uma população mais baixa da sociedade – a população oprimida, quando, em uma leitura mais aprofundada percebemos que o *avexar* advém de um processo de formação de palavras chamado prefixação, que “consiste em antepor-se à palavra um elemento secundário de formação, chamado prefixo, que lhe ajunta ordinariamente uma ideia acessória.” (COUTINHO, 1976, p.176)

Analisar o processo de formação de palavras nos possibilita uma maior compreensão de certos fenômenos inerentes aos movimentos da língua. *Desdeixava* também é uma palavra nova que se introduziu na nossa língua, através do processo chamado neologismo. Visto, muitas vezes com estranheza e discriminação, o importante neste processo é que ele traz a “(...) ideia de benefício ou de riqueza para a língua, porque a criação de um vocábulo novo deve estar condicionada ao imperativo da necessidade.” (COUTINHO, 1976, p.216)

E aqui cabe a pergunta: dominar as regras gramaticais ou falar de acordo com a norma culta possibilita ascensão social? Mais ainda: o que seria a norma culta? Por que se estabeleceu que o padrão seria automóvel e não “otomove” (DENÓFRIO, 1992, p.109), por exemplo? Isto acontece porque os padrões normativos são construções feitas de forma a atender aos sistemas dominantes de poder. Kathryn Woodward em **Identidade e diferença** (2009) fala em dualismos, no qual um dos componentes é sempre mais valorizado que o outro:

(...) um é a norma e o outro é o “outro” – visto como “desviante ou de fora”. Se pensarmos a cultura em termos de “alto” e “baixo”; que tipos de atividades associamos com “alta cultura”? Ópera, balé, teatro? Que atividades são identificadas, de forma estereotipada, como sendo de “baixa cultura”? Telenovelas, música popular? Este é um terreno polêmico e uma dicotomia bastante questionável nos Estudos Culturais, mas o argumento consiste em enfatizar que os dois membros dessas divisões não recebem peso igual (...) (WOODWARD, 2009, p.51)

Voltando à questão anterior, percebemos que a norma culta não garante ascensão social, do contrário, “(...) os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país (...)” (BAGNO, 2004, p.69). Capitão Elpídio, por exemplo, possui um falar próximo de Supriano e é um poderoso agricultor. A passagem que diz: “Ocê



que paga, seu bedamerda.” (DENÓFRIO, 1992, p.92) nos mostra o falar também marcado de Elpídio.

O que devemos notar é que ainda que o domínio da língua não garanta ascensão social, ele contribui (junto com outros domínios como da cultura, dos hábitos sociais, da identidade) para assinalar que existe um pequeno grupo que se mantém no poder e tende, a todo custo, manter este *status quo*, ou seja, pretendem dominar a cultura, a língua e outros fatores para que possam manter o controle sobre as sociedades. Tomaz Tadeu da Silva defende que:

(...) A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. (SILVA, 2009, p.83)

Supriano era a desordem, a “(...) sujeira que ofende a ordem (...)” (WOODWARD, 2009, p.47). Não apenas pelas condições subumanas às quais ele estava submetido: “(..) O mentecapto roncava, revirando-se sobre os trapos de baixeiros suarentos, fedendo a carniça de pisaduras, estendidos no chão e que lhe serviam de cama.” (DENÓFRIO, 1992, p.102), mas pelo fato de que sua inquietação em busca da enxada é que o destacava como a sujeira em um sistema que se preza pela ordem, pelo não contestação, conforme citado anteriormente por Balandier e que também vai ao encontro das colocações de Woodward: “(...) as categorias do limpo e do não-limpo, tal como as distinções entre “forasteiros” e “locais”, são produtos de sistemas culturais de classificação cujo objetivo é a criação da ordem.” (WOODWARD, 2009, p.47)

Por fim, Supriano resiste aos maus tratos e violência executados pelos soldados de Elpídio e consegue plantar o arroz. Não com a enxada, mas com “(...) o toco de mão no chão molhado, desimportando de rasgar as carnes e partir os ossos do punho, o taco de graveto virando bagaço (...)” (DENÓFRIO, 1992, p.106). Era a própria cena da sujeira e da desordem, a ponto de causar em um dos soldados que estava em jejum “(...) uma coisa ruim por dentro (...)” (1992, p.106). Esta sujeira precisava ser eliminada e Supriano então é morto por um dos soldados.

Ao final está tudo em ordem: a plantação feita no dia de Santa Luzia conforme Elpídio ordenara, os soldados continuando obedientes a Elpídio, Supriano assassinado de forma a tirar a sujeira do local e a cidade se preparando para a festa de Santa Luzia: “A cidade inteira retinha com o retintim das enxadas limpando o mato dos quintais das casas que permaneceram fechadas durante o ano.” (1992, p.108) Por fim, todos comemoram a festa de Santa Luzia.

A título de conclusão, notamos que as palavras do vocabulário português sofreram várias mudanças em sua história. Isto é um processo natural e comum em se tratando de um sistema que está à nossa disposição e que sofre interferências do meio e das pessoas que o utilizam. O conto “A enxada” pode fornecer vários tratados, artigos, dissertações envolvendo um estudo complexo das transformações pelas quais as palavras passaram. Vimos algumas neste texto e tantas outras poderiam ser citadas em outros trabalhos. Fica, portanto, o desejo de aprofundamento do tema.

O fato é que não poderíamos deixar de fechar este trabalho sem citarmos o nome do personagem principal: Supriano, que nos remete ao processo chamado metaplasmo, constituído por “(...) modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução.” (COUTINHO, 1976, p.142). Um olhar com mais acuidade nos forneceria indícios de que a palavra Supriano teria sofrido um processo de metaplasmo por síncope: “Subtração de fonema no interior do vocábulo” (COUTINHO, 1976, p.148): Suplicando > Suplicano > Supliano e por fim rotacismo: Supliano > Supriano.

Em se tratando de um trabalho que tem como eixo certas análises envolvendo língua e opressão, ficamos mais tendenciosos a analisarmos o nome Supriano como alguém que está suplicando. Ao adentrarmos no campo da literatura, aí sim, podemos aliar as leis da fonética com os estudos sociais, afinal: “O poeta, o mago e o psicanalista são aqueles que constroem coisas com a palavra, que alteram a realidade, modificam a essência profunda do ser.” (MENESES, 2004, p.50). A ficção pode nos mostrar que Supriano era o próprio suplício, de alguém que pouco ou quase nada ganhou da vida, além de opressão, escravidão, tristeza e amarguras.

Neste conto literatura e linguagem se encontram e se imbricam não para que a literatura possa contar uma história por meio de acúmulo de palavras e frases, mas sim para desacomodar e perturbar o leitor: “(...) a literatura e a linguagem se ofuscam mutuamente; isto é, se iluminam e se cegam umas às outras para que, talvez graças a isso, algo de seu ser venha sorratamente até nós.” (FOUCAULT, 2005, p.141).

Sorratamente Supriano chegou até nós. Primeiro suplicando uma simples enxada e por fim morrendo pela falta dela. Sorratamente Supriano nos mostra que a vida é muito mais do que várias enxadas que limpam quintais em dias de festa. Uma enxada custou a sua vida.

\*\*\*

#### 4) Referências Bibliográficas

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2004.
- BALANDIER, Georges. **Antropo-lógicas**. Trad. De Oswaldo Elias Xidieh. São Paulo: Cultrix, 1976.
- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. Cultrix: São Paulo, 1997.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA. Mário Eduardo (org). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2009.
- COELHO, Braz José. **Linguagem**: conceitos básicos. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.
- COUTINHO, Ismael. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DENÓFRIO, Darcy França, SILVA, Vera M. Tietzmann (org). **Antologia do conto goiano I**: dos anos dez aos sessenta. Goiânia: CEGRAF, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Linguagem e Literatura**. In: MACHADO, Roberto. Foucault, a filosofia e a literatura. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MENESES, Adélia Bezerra de. **Do poder da palavra**: ensaios de literatura e psicanálise. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- SILVA, Tomás Tadeu. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TORCHI, Gicelma da Fonseca Chacarosqui. **A costura da colcha**: uma leitura de Bernardo Élis. v. 2. n. 4 – jan./jun. 2006. Disponível em: [www.interletras.com.br](http://www.interletras.com.br). Último acesso: 22/04/2012.